



Hélia Correia

DESMESURA

Exercício com Medeia

RETIRO D'ÁGUA



Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
Telef.: 21 8474450
Fax: 21 8470775
www.relogiodagua.pt
relogiodagua@relogiodagua.pt

Título: Desmesura — Exercício com Medeia
Autora: Hélia Correia
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Relógio D'Água Editores sobre fragmento de fotografia
do Teatro de Dioniso, em Atenas

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 2006

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Tipografia Guerra / Viseu
Depósito Legal n.º 249917/06

Hélia Correia

Desmesura

Exercício com Medeia

Teatro

PERSONAGENS:

MEDEIA

JASÃO

MELANA, escrava grega

ÉRITRA, filha de Melana

ABAR, escrava núbia

Nas mudanças de cena ou de ritmo, um coro entoará os hinos que se seguem:

I

LAMENTO PELOS HERÓIS
(Coro masculino)

Ai do homem que deixa
A cidade sem guarda
E responde ao apelo
Ardiloso do mar.
Que é a eternidade
Mais que uma sombra parda?
Parda sombra o herói
Se irá também tornar.

Mata, mata o guerreiro
Entre o corpo e a lança
Põe seu escudo de couro
Põe a sua ambição
Sobre o pó do terreiro
Alguma coisa dança
É o sangue a tombar
Como folha no chão.

Ai do homem que cai
No fulgor da batalha

E assiste ao festim
Que é o seu funeral
Morre longe de quem
Lhe teceu a mortalha
Morre longe da paz
A que sempre quis mal.

Ai do pobre mortal
Que nasceu masculino
Que do leite da mãe
Em vão se alimentou.
Não pôde ela, falando,
Impedir-lhe o destino.
Só aos homens ouviu
Só à glória escutou.

II

HINO A HÉCATE
(*Coro feminino*)

A serpente
Que desliza
É o jorro
De uma ferida
Sangra a terra
Da barriga
Lua negra
Que ilumina
A paisagem
Da chacina

A senhora
Das três caras
Dona das
Encruzilhadas

Das três vias
Aziagas
Com as três
Cadelas bravas
Solta a sua
Gargalhada.

Fazedora
De hecatombes
Tombas, Hécate,
Os mortais
No desastre,
Astro da febre,
No fulgor
Dos temporais.
Leva as armas
Para a cova
Herói macho,
Herói perdido.
Que ao luar
A mulher dança
Sobre a tumba
Do marido.

PARTE I

Cidade grega de Corinto.

Uma cozinha. Melana, uma mulher que ainda não fez quarenta anos, morena, olha para a porta, como quem espera. Ouve-se um trovão. Percebe-se que o tempo está escuro no exterior. O lume aceso na chaminé é um pequeno foco de claridade.

Entra uma jovem de cabelo ruivo, Éritra, com um alguidar cheio de farinha. Ao longo da cena, vão preparando a massa para o pão. Há interrupções várias neste trabalho, o que faz com que leve muito mais tempo do que o habitual.

Éritra vem sacudindo-se da chuva e despeja a farinha sobre a mesa.

MELANA — A chover, outra vez? (*Vai confirmar, abrindo a porta*) A chover, sempre.

ÉRITRA — Não digas nada.

MELANA — Eu digo alguma coisa?

ÉRITRA — Pensaste.

MELANA — Ninguém manda no que pensa.

ÉRITRA (*segredando*) — Ela consegue ouvir-nos a pensar...

MELANA — A água já está quente? Vai deitando.

ÉRITRA — É isso o que me assusta mais que tudo.

MELANA — São coisas que meteste na cabeça.

Se ela ouvisse pensar, há muito tempo

Que me tinha matado... E os meus sonhos...

ÉRITRA — Que sonhos?...